

ONTOLOGIA: UMA FORMA DE DIZER AQUILO QUE ACHAMOS QUE EXISTE

* Werner Schrör Leber

O problema do “é”

O que agora denominamos Ontologia era chamado, antes, Metafísica. Pelo menos até o iluminismo, empregava-se esse termo mais sistematicamente. Depois de Kant, que quis demoli-la ou pensou tê-la demolido mesmo, passou-se a dar preferência pela expressão Ontologia. A filosofia, a rigor, ocupa-se do problema do Ser. Já antes de Sócrates, Parmênides o tinha em mente quando afirmou, *o ser é, e o não-ser, não é*. Dessa tautologia, que o ser “é”, surge o nosso elementar problema. De modo direto, a filosofia está envolvida com a compreensão do que “há” ou aquilo que dizemos que “há”. Portanto, é procedente afirmar que toda filosofia, levada às últimas conseqüências, é ontologia. Quem, por exemplo, estuda política ou medicina não diz abertamente que a ontologia constitui os pressupostos de seus estudos. É possível que ignore isso por completo ou que considere essa questão irrelevante, o que é mais provável. Afinal, a filosofia não muda o mundo. Mas os fundamentos mais íntimos da racionalidade também não desaparecem só porque são ignorados ou considerados irrelevantes. A filosofia não muda o mundo. Mas o desconhecimento de problemas filosóficos ou o seu proposital e explícito hipostasiamento não invalida seus pressupostos.

Quem meditou sobre o Ser, sobre o que existe ou sobre o que dizemos que existe, reconheceu, como Aristóteles, Descartes e Heidegger, por exemplo, que é preciso haver “algo”, uma estrutura que permita dizer que tal e tal coisa (é) ou (existe). No caso do exemplo, que “algo” seja reconhecido como *política* e *medicina* para que se possa estudá-la, ou para que alguém possa ser “político” ou “médico”. Se falamos *Medicina*, *Política*, estamos nos referindo a algo que julgamos conhecer porque existe. São substantivos, nomes de objetos do mesmo modo que *Casa*, *Carro* ou *Edifício* são nomes de objetos que conhecemos ou sabemos o que sejam. É preciso haver uma estrutura de pensamento que dê suporte a esses conhecimentos. Sem essa filiação, sem essa relação de identidade entre pensamento e ente (coisa), não haveria conhecimento algum. Ninguém poderá ser médico, engenheiro, professor fora dessa moldura. Tudo que nos cerca está centrado no “é”; no que existe; no que pertence ao Ser. Do contrário não estaria em nossa alçada de pensamento. O que **não-é**, não existe e, por isso, não pode ser pensado. O influente fenomenólogo existencialista moderno afirma: “Somente na clara noite do nada da angústia surge a originária abertura do ente enquanto tal: o fato de que **é ente** – e não **nada**”.¹ **Ente**, em filosofia, são “as coisas” que percebemos. Tudo que puder ser objeto do pensamento diz-se que é *Ente*. A “literatura”, por exemplo, pode ser *Ente*. Se perguntássemos, “o que **é a** literatura?”. Pronto, aí está uma questão filosófica. Vejam bem, não estamos a perguntar “o que é literatura?”, mas o que é “**a literatura**”. No acréscimo do artigo “A” ao substantivo encontra-se o segredo do

* O autor é professor de filosofia no Ensino Médio e no Ensino Superior. É graduado em Letras e Teologia e possui Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina.

¹ HEIDEGGER, **Os Pensadores**. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo, Abril Cultural, 1983, p. 41.

problema. A primeira questão já está amplamente respondida em comentários e manuais. Essa primeira questão é meramente técnica, positiva, descritiva. Mas a segunda pergunta tem uma conotação mais profunda do que dizer, por exemplo, que literatura é *o estudo da produção de textos*, ou então que Literatura é “a preocupação estética com as formas textuais”. Que ela é isso, é óbvio, mas sob o critério filosófico isso ainda não diz muita coisa. Assim, de modo frouxo, perguntado “o que é filosofia?” sempre vem a resposta pronta: é um conhecimento que lida com a sabedoria. Isso responde tudo e nada também. Continua a ser tão tautológico quando responder que a Revolução Francesa foi uma revolução que aconteceu na França, ou que os pensadores Pré-Socráticos viveram antes de Sócrates.

Dois filósofos franceses, Gilles Deleuze e Felix Guattari, escreveram um livro com o seguinte título: “O que é **a** filosofia?”. No “a” está a questão ontológica do pensar que as ciências modernas não respondem por supor ingenuamente que já esteja respondido. Para o pensamento filosófico, esta é a elementaridade do pensar já esquecido pela racionalidade operadora, que mais encobre do que desvela a dramaticidade do pensamento. A literatura, a filosofia, é muito mais do um amontoado de textos, livros, enciclopédias.² A literatura, que não deixa de ser um modo de praticar filosofia, constitui o modo como o homem, permitam-me essa heresia, “fala-se”. Isso é mais ou menos, como diz o pintor francês Cézane, *poder pintar o cheiro das flores*. Arte e pensamento formam uma unidade. Coisa e objeto estão como que enxertados um no outro, dizia Maurice Merleau-Ponty. O que se procura aqui não é uma definição lexical, gramatical ou estilística capaz de ser encontrada em dicionários e compêndios. O “é” pressupõe uma estrutura da razão, uma unidade que permite aos humanos reconhecer-se e reconhecer os objetos. A forma como nos dirigimos às coisas nada tem a ver com a natureza. Os humanos não se dirigem às coisas de modo pulsional e instintivo. Para Max Scheler o homem afasta-se da pulsão e mergulha em uma situação que Scheler chama “abertura do mundo”.³ E assim escreve: “O homem é o X que pode se comportar “abertamente para o mundo” em uma medida ilimitada. A gênese do homem é a elevação até a abertura do mundo por força do espírito”.⁴

Conhecer e “dizer-se”

Do exposto acima se segue que a filosofia transcende o caráter de uma disciplina meramente acadêmica. Isso ela realmente não é, não pode ser e nem quer ser. Ela está simultaneamente aquém e além desse emolduramento. Eis o paradoxo! Por isso também não é preciso ser filósofo para produzir filosofia. Filosofia, como sabia Wittgenstein, é uma forma de disciplinar o cérebro. Por isso também o ato de filosofar não é um exercício profissional, mas uma característica de todos nós. O pensar filosófico constitui o pressuposto mais elementar de todas as nossas atividades mentais, ainda que não reflitamos de modo crítico sobre elas sempre.

² Sobre isso ver o livro de BLOOM, Harold. **Onde encontrar a sabedoria?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Especialmente “Platão concorre com Homero”, p. 45-97.

³ SCHELER, Max. *A diferença essencial entre o homem e o animal*. In: **A posição do homem no cosmos**. [tradução e apresentação de Marco Antônio Casanova]. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2003, p. 38.

⁴ Op. cit., p. 38.

A intuição e a inteligência, a abertura para o novo, a humildade diante do desconhecido, a curiosidade e a busca podem valer mais do que as enciclopédias. Daí a contundente afirmação do iluminista Immanuel Kant, *não se aprende filosofia, mas tão somente a filosofar*. A filosofia, grosso modo, forma aquela elementaridade, denominada pressupostos, categorias e suportes do raciocínio, de onde as outras ciências partem para entabular seus discursos. Lamentavelmente isso tem sido muito mal interpretado e contribuído decisivamente nos tempos hodiernos para a destituição da filosofia da condição ciência primeira ou ciência dos “entes”, como queria Aristóteles. Dessa visão equivocada surgem afirmações as mais infundadas e acríicas possíveis. A bem conhecida e muito divulgada entre nós diz, *o mundo, com filosofia ou sem ela, se mantém como é*. Essa afirmação é típica do conhecimento utilitarista de nosso tempo. Também o “utilitarismo” não é nada mais que uma opção. É a opção pelo que dizemos ser “útil”. Pena que os utilitaristas, já cegados pelo reino da suposta necessidade, não se apercebam disso.

O homem sabe que ele próprio é a pergunta que quer responder. Ou, ele sabe que ele é a pergunta sobre si mesmo. Ele está implícito nas perguntas que formula. O mundo, nessa perspectiva, tem sentido ontológico porque o apreendemos de modo existencial: estamos no mundo à medida que o mundo também está em nós. O homem tem uma consciência autotranscendente, como disse Paul Tillich. Estudar filosofia significa sair do plano determinista e perceber que a capacidade de fazer opções dá sentido a tudo que fazemos. Não há história e ciência fora do âmbito de sentido que imprimimos à nossa existência no mundo. Não há vivência neutra como também não há conhecimento neutro. Tudo que fazemos ou pensamos leva a nossa marca, tem, como diz o fenomenólogo Edmund Husserl, um ato intencional. Nós doamos sentido aos objetos. Vemos neles não a totalidade do que são em si mesmos, mas apenas e tão somente aquelas partes que escolhemos ver por meio nossos atos intencionais.⁵ Toda literatura, permitam-me uma heresia, é uma doação de sentido ao modo como queremos que a coisas sejam. Kant uma vez disse que nós nunca conhecemos os objetos totalmente, mas só o fenômeno deles, ou seja, aquela parte com a qual criamos alguma identificação. Até mesmo a biologia sabe disso, ao nos definir como **Homo Sapiens Sapiens**, quer dizer “o homem que sabe do seu saber”. Sabe que está implicado no objeto sobre o qual filosofa ou escreve. Seguindo Max Scheler podemos dizer que o homem não está apenas no mundo de modo natural, mas o homem “tem” um mundo no qual ele se encontra. O homem pode estar no mundo de modo natural e biológico como todo e qualquer animal. Mas o mundo também está “inserido no homem” à medida que ele pode conceituá-lo, explicá-lo, fazer conto e poesia, enfim, praticar literatura em sentido amplo. Ademais, em outro sentido, o que constitui o pano de fundo dessa tentativa é constatação de que ninguém aprende a pensar só repetindo o que já se sabe. Mesmo porque o que já se sabe pode não ser exatamente como se tinha “acreditado” que fosse. O sentido do ser, o modo como percebemos, sempre muda. Não há conhecimentos definitivos porque não sentidos definitivos. O conhecimento não é apenas uma atitude natural, isto é, não é apenas uma

⁵ Sobre isso, muito significativo são os quatro primeiros capítulos, páginas 01-40, de MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas**: 1948. [Tradução de Fábio e Eva Landa; Revisão de Marina Appenzeller]. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

decifração do existe de modo natural, que denominamos “coisa”. Não há coisa, mas interpretação do dizemos ser “uma coisa”.

Fronteiras novas e a indispensável tarefa do pensamento

Nesses últimos anos tem sido freqüente a noção de que o conhecimento possui uma dimensão interdisciplinar ou transdisciplinar. Esses temas não abordagens necessariamente filosóficas. Elas provêm das teorias educacionais modernas e a envergadura dessas investidas é ampla. Segundo essas teorias, não basta dominar determinados conhecimentos. Eles mudarão em breve. Daí se segue que a forma de lidar com o conhecimento é mutante. É mais importante saber como se pensa e, por isso, ensinar a pensar. Ensina-se a pescar, mas não se deve dar o peixe, como diz o velho dito popular. É dentro dessa perspectiva que a filosofia chega a uma prova de vestibular. É preciso que se conheça os contornos daquilo que temos à nossa frente. Como chegamos até aqui? O ser humano muda também, mas primeiro precisa entender sua trajetória. Se não a entender também não entenderá as mudanças. Como pode mudar o que não compreende? Os conhecimentos, os conteúdos, os assuntos acadêmicos não são verdades prontas e cristalizadas. São apenas repostas dadas pelo sentido do Ser em um determinado momento. Isso, em filosofia, intitula-se **Temporalidade**. O novo também surge porque os seres humanos se permitem mudar de atitudes e de concepções. O que assim *é*, o *é* por algum motivo. Conhecê-lo, dar-lhe um nome, é a principal tarefa do pensar filosófico. O saber não é um território que deve ser defendido como um cão defende seu quintal. Esse princípio epistemológico também imperou entre nós durante muito tempo e transformou o conhecimento em ilhas que se perpetuam como outras ilhas.⁶ É, pois, de uma visão atomizada de ser humano que urge colocar o conhecer em novos patamares. Nesse sentido, o estudo da filosofia permite que os acontecimentos que nos cercam, ao serem analisados por um viés filosófico, tendam, por isso mesmo, a serem vistos de modo crítico e não ingênuo ou dogmático. Dos dois, certamente, o último é o pior porque petrifica posições e promulga sofismas como verdades eternas.

REFERÊNCIAS

BLOOM, Harold. **Onde encontrar a sabedoria?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HEIDEGGER, **Os Pensadores**. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

JAPIASSU, Hilton. *A atitude interdisciplinar no sistema de ensino*. **Revista Tempo Brasileiro**, 1992, nº 108, p. 83-94.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas**: 1948. [Tradução de Fábio e Eva Landa; Revisão de Marina Appenzeller]. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SCHELER, Max. **A posição do homem no cosmos**. [tradução e apresentação de Marco Antônio Casanova]. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2003.

⁶ Esta percepção é apresentada com detalhes no estudo de JAPIASSU, Hilton. *A atitude interdisciplinar no sistema de ensino*. **Revista Tempo Brasileiro**, 1992, nº 108, p. 83-94.